CRÍTICA

Nathan, o Sábio

★★★★☆

NATHAN É CHAMADO SÁBIO porque é uma excepção. Sendo judeu, e praticante convicto, as suas acções contrariam o estereótipo. O preconceito não tem nele lugar. Mesmo que vida, religião, amor e política o contrariem, acredita em olhar o outro como igual. Vai sofrer por isso.

Quando o espevitado Trump mandou a embaixada do seu país em Israel para Jerusalém (já depois da estreia desta peça, mas contribuindo, decerto involuntariamente, para realçar a sua urgência), tomou uma posição política e simbólica idêntica aos outros manda-chuvas europeus, que desde a Idade Média acharam bem meter-se nos assuntos da cidade dividida, e acabaram a sair-se inevitavelmente mal. O problema da peça de Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) é antigo, duradouro, se calhar irresolúvel, e revela simbolicamente a lamentável ironia das três religiões descendentes de Abraão clamarem pela tolerância, serem o centro do mais longo e sangrento conflito da História, e como isso nos afecta a todos.

Ao escolher esta peça, Rodrigo Francisco sabe que a tolerância (empatia talvez seja pedir demais) é assunto central num mundo politicamente mais dividido, conturbado, ameaçado, eventualmente à beira do desastre. A bem dizer como estava no século XII. Nessa altura em que um templário transviado (André Pardal) salva de incêndio uma judia (Leonor Alecrim) que, sem saber, é cristã acolhida em criança pelo bom judeu. Ambos caem um pelo outro, ambos se desejam e ambos temem o que aquilo vai dar; enquanto a ama (Maria Rueff) lembra que ainda há ética nestas coisas, o que Nathan (Luís Vicente) aceita, por princípio, mas teme por amor filial. Mais quando Saladino (João Tempera) e o Patriarca cristão (André Gomes) se metem, por diferentes razões religiosas e distintos objectivos políticos, no assunto. O que é explorado pela encenação, deixando o palco despido para as pinturas originais de Pedro Calapez, dando todo o espaço aos actores para explorarem o texto, assim desprezando o supérfluo, assim revelando como o perigo vem da ignorância da palavra dos outros.

■ *Rui Monteiro*

→ Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada. Qua-Sáb 21.00. Dom 16.00. 6,50€-13€.